



UNICAMP

EVENTO:

VEÍCULO:

DATA:

PÁGINA:

SEÇÃO:



Jacqueline Onassis inspira ópera americana

Compositor transpõe para o palco o glamour dos anos dourados da história americana

ADAM SWEETING
The Guardian

LONDRES — Michael Daugherty é um especialista em ícones americanos. Mergulha em suas vidas, copia seu penteado, roupas, modo de andar e os transforma numa música trash, camp e fascinante. O Super-Homem recebeu o tratamento de Daugherty no ano passado em *Metropolis Symphony*, um trabalho orquestral de cores vívidas e andamento rápido. O Kronos Quartet encomendou a ele a música para *Sing, Sing, J. Edgar Hoover*, que expressa a personalidade do temível diretor do FBI, e *Elvis Everywhere*, "peça para três personificadores de Elvis e quarteto de cordas". Agora, ele volta suas atenções para Jackie Onassis, tema de uma nova ópera, *Jackie O.*, que estreou em março, na Houston Grand Opera.

"É engraçado, pois quando um compositor recebe a encomenda de uma ópera, imediatamente começa a ouvir Mozart, mas eu fui ouvir as gravações de Sammy Davis Jr. na Las Vegas dos anos 60", conta. "O personagem de Aristóteles Onassis em *Jackie O.* é mesmo uma espécie de Sammy Davies ou Dean Martin, com aquele tipo de música que se fazia enquanto eu crescia e tocava em bares, enfim, muzak." Daugherty é um desses garotões do interior sem qualquer pretensão a fazer arte refinada. Em Londres, onde lançou o CD de sua ópera, seu receio de ser arrasado pela crítica era visível.

A história de Michael Daugherty é uma colagem de tendências culturais conflitantes. Ele com-



Com John Kennedy na Casa Branca: mito de toda uma geração

pôs seu primeiro trabalho orquestral enquanto estava estudando na Universidade Estadual do Norte do Texas. Ganhou uma bolsa Fullbright para aprender composição eletrônica no laboratório de Pierre Boulez em Paris e, de 1982 a 1984, estudou com Gyorgy Ligeti. Em 1986, obteve o doutorado em composição na Universidade de Yale e hoje é professor-adjunto de Composição na Universidade de Michigan.

A nova ópera do compositor tem todo o estilo e ritmo de um musical da Broadway. No número de abertura, *Jackie's Song*, um solo de cello apresenta o motivo recorrente da personagem, uma

música pesada e triste, que lembra o tema do filme *Moscou contra 007*. Os filmes de James Bond ocupam bom espaço no imaginário de Daugherty.

Jackie O., porém, não deixa de lado a tradição da grande ópera. *I Am Curious*, uma ária interpretada pelo baixo Eric Owens, que faz Onassis, tem a solenidade das peças de Verdi. Depois de alguns momentos, porém, transforma-se num tango. Daugherty jamais pensou que



Com Aristóteles Onassis em Paris: mergulho no dinheiro e no luxo

comporia uma ópera. "Mas, já que tinha de fazer uma, resolvi trabalhar dentro das normas", conta. Assim, a despeito de toda miscelânea contemporânea e do ritmo frenético, *Jackie O.* exige de seus intérpretes redobrada atenção para a partitura.

Daugherty usou apenas instrumentos acústicos num arranjo que garante aos intérpretes que suas vozes nunca são encobertas pela música e as letras das músicas, compreendi-

das por todos. Os solos de saxofone, trompete, cello e guitarra acústica foram incluídos por causa de seu caráter evocativo.

"Muitas óperas são chatas e eu queria escrever algo que se parecesse comigo", afirma o compositor. Daugherty elogia o libretista, o escritor Wayne Koestenbaum, que tinha concluído seu livro *Jackie under My Skin: Interpreting an Icon* na época em que recebeu a encomenda da Houston Opera. Era o que faltava, alguém com focos de bastidores sobre Jackie Onassis.

"O libreto é fantástico, muito sofisticado, com muita ação acontecendo", diz o compositor,

provavelmente ciente de que as palavras de Koestenbaum às vezes soam como exercícios em simbolismo sem significado. "Koestenbaum tem uma perspectiva gay e no mundo gay o kitsch e o camp têm vida própria", explica. "O interessante é o contraponto: às vezes a música segue o texto e às vezes vai contra ele."

Ambos exploraram ao máximo o estilo de vida de Jackie Onassis, transformando Liz Taylor, Grace Kelly e Maria Callas em personagens-satélites orbitando à volta de Jackie. É uma mistura complexa de tragédia, traição e deslocamento, que termina numa espécie de metafísica da vida após a morte, em que Jackie se reconcilia com seu passado. Jackie morreu antes que o trabalho fosse concluído: "Sua morte encerrou uma era e provavelmente nos deu mais liberdade para compor", afirma. Para Daugherty, o papel ambivalente de Jackie na cultura americana pode resumido pelas reações da mãe do compositor aos diversos episódios da vida da personagem. Ele se lembra da dor da mãe ao ver Jackie nos funerais de John Kennedy e sua fúria diante da notícia de seu casamento com Aristóteles Onassis, como se Jackie tivesse trocado seu lugar na aristocracia americana pelo dinheiro e luxo proporcionados pelo magnata grego.

Daugherty ficou impressionado com as semelhanças entre a vida de Jackie e Onassis e a da princesa Diana com Fayed, mas garante não ter intenção de escrever uma ópera sobre a princesa. Seu coração está na América, assim como seu novo concerto para piano, *Le Tombeau de Libera*. Não se sabe se Michael Daugherty será lembrado pelas futuras gerações, mas ele vai divertir-se muito enquanto estiver por aqui. (Tradução de Ruth Helena Bellinghini)

TRABALHO
COMBINA
TRAGÉDIA E
TRAIÇÃO

Louis Armstrong, um gênio de bem com a vida

O maior jazzista de sua geração era um homem feliz com a música, as mulheres e a comida

SCOTT EYMAN
Cox News Service



Armstrong: Pops para os amigos

Armstrong era o filho ilegítimo de uma prostituta e cresceu nas ruas de New Orleans, no meio de mulheres da vida e cafetões, ouvindo os grandes do jazz de seu tempo, como Buddy Bolden, Joe King Oliver e Fate Marable. Amadureceu depressa e, aos 21 anos, já era conhecido por seu estilo inovador. Até morrer, em 1971, reinou supremo como o maior jazzista de sua geração. O livro de Ber-

GOSTAVA DE
TODOS, MENOS
DE BENNY
GOODMAN

green, *An Extravagant Life*, mostra-o como um dos poucos gênios americanos que não mergulharam na autodestruição. Basicamente, tudo o que é sensual — música, amor e comida — fazia Armstrong feliz.

Bergreen capta bem a visão de Louis Armstrong sobre o racismo americano. "Poucos brancos importam-se com os negros, mas sempre há um negro que eles respeitam", dizia. Deixava claro que se tinha empenhado em ser esse negro. Encerrar o racismo não era difícil para Armstrong. Bing Crosby era um de seus maiores fãs, ao longo dos anos, arrumou-lhe vários empregos, mas jamais o convidou para ir a sua casa. "Nunca estive na casa de um artista de cinema, nem na de Bing Crosby", disse o músico em certa ocasião.

O livro de Bergreen recria a New Orleans da virada do século e descreve com humor a obsessão de Armstrong com laxantes. O músico, convencido de que precisava do medicamento, indicava-o para todos que encontrava, de jornalistas a chefes de Estado. "Toda minha vida foi feliz", dizia Armstrong. "A vida estava lá oferecendo-se para mim e eu a aceitei; a vida, venha o que vier, é maravilhosa para mim." (Tradução de Ruth Helena Bellinghini)

Livro desvenda fascínio de Lean pelas ferrovias

Infância do diretor determinou sua paixão por meios de transporte e imagens em tons ocre

VERA RULE
The Guardian

LONDRES — Ele era o poeta dos horizontes distantes, onde, claro, se encontravam as linhas paralelas dos trilhos de trem. Em sua nova biografia de David Lean, Kevin Brownlow descreve o diretor entusiasmado ao planejar cenas para encher os olhos dos espectadores. "Falta alguma coisa", disse o diretor a seu assistente, apontando para a paisagem do antigo Ceilão, atual Sri Lanka, onde rodava *A Ponte do Rio Kwai*. "Vá naquela direção e coloque fumaça, a uns 6 quilômetros daqui."

E o filme realmente enche os olhos do público quando a locomotiva da classe K, de 1900, dada pelo governo do Ceilão avança pela ponte que parece inadequada para a época e o lugar, mas fica fantástica na tela porque sintetiza a arquitetura dos transportes.

O livro de Brownlow explica por que o diretor lidava tão bem com esse tema. Sua mãe era da tradicional família Tangye, da Cornualha, ligada à mineração e à navegação — não é de se estranhar, portanto, que, no fim de *Grandes Esperanças*, Lean tenha investido o barco a vapor de tanto significado e urgência. O pai do jovem Lean levou-o numa viagem de trem pela Cornualha, passando por penhascos de rochas sedimentares avermelhadas e um oceano sempre revoltado. Essa seria a origem de seu fascínio pelos tons de ocre que aparecem em *Lawrence da Arábia* e do mar tempestuoso de *A Filha de Ryan*.

Lean era mais promíscuo com os transportes do que com as mulheres. Ficou fascinado pelas fagulhas dos bondes (*Doutor Jivago*), pela força dos cavalos (*Doutor Jivago* e *Lawrence da Arábia*), mas adorava motores. Uma paixão que se refletia na poesia das cenas de despedida em estações de trem. O mesmo entusiasmo com que descreveu as horas em que passava nas estações ape-



Lean: efeitos e personalidade

nas para sentir o solo vibrar com o movimento das locomotivas, Lean manifestava ao mostrar a jornalistas as locações de *Lawrence da Arábia* na Jordânia. Com orgulho, dizia que as ferrovias estavam como no tempo da guerra, ainda com destroços dos comboios turcos, destruídos por El Auren. "O rei Hussein disse que encontraríamos locomotivas por aqui", afirmava.

Muito do visual de Lawrence da Arábia deve-se aos trilhos invisíveis sobre os quais foi montada a câmera de 65mm, capaz de deslocar-se a 45 quilômetros por hora, a mesma velocidade que um camelo atinge numa corrida. Algumas das mais belas cenas de *Doutor Jivago* não passam de bons efeitos, como a do interior da casa re-

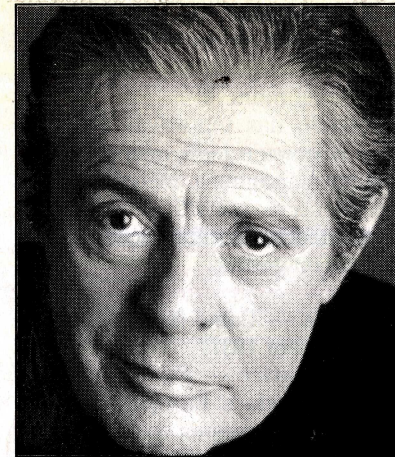
pleto de cristais de gelo, todos feitos de celofane. As tróicas são originais, bem como as duas locomotivas movidas a lenha que percorrem a ferrovia da Finlândia, construída na época da guerra contra a Rússia. A cena é excepcional e, por meio dela, e não dos personagens, David Lean conduz a força da história. Seu fascínio pelas ferrovias manteve-se até o fim. *Passagem para a Índia* pode ser pretensioso, mas não as cenas em que antigas locomotivas percorrem pontes frágeis.

A crítica Pauline Kael tentou diminuir Lean ao classificá-lo de cavalheiro e técnico, mas hoje, quando as telas estão repletas de feitos sem personalidade, seu insulto soa como elogio. A partir de amanhã, Londres assiste a uma retrospectiva de sua obra. Mas o melhor lugar para uma homenagem ao diretor seria mesmo o Museu da Ferrovia em York. (Tradução de Ruth Helena Bellinghini)

Mastroianni revive em belo documentário

Charme, inteligência e talento do ator são preservados na obra de Anna Maria Tato

LAWRENCE VAN GELDER
The New York Times



Mastroianni: retrato filmado

NOVA YORK — "Quando eu era moço, a vida parecia longa e interminável", diz o homem idoso. Seu nome era Marcello Mastroianni e sua vida acabou em dezembro de 1996, quando tinha 72 anos. Mas, este mês, os nova-iorquinos assistiram a um belo documentário, que preserva seu charme, sua inteligência e sua esplêndida obra. *Mi Ricordo, sì, mi Ricordo*, de três horas e 20 minutos, foi realizado por Anna Maria Tato, companheira do ator nos últimos 22 anos de sua vida plena e incansável.

Composto de relatos de viagens, de dados biográficos e de elucubrações filosóficas a respeito do cinema e da arte do ator, esse longo e belo filme fornece um retrato de um homem que iniciou-se na profissão de ator quando era ainda criança, aperfeiçoou seu talento no palco e fez mais de 170 filmes, entre eles obras duradouras, como *A Doce Vida* e *Oito e Meio*, de Federico Fellini, *Um Dia muito Especial*, de Ettore Scola, *Casamento à Italiana*, de Vittorio De Sica e *Olhos Negros*, de Nikita Mikhalkov.

Seu último filme, *Viagem ao Princípio do Mundo*, de Manoel de Oliveira, fornece a estrutura básica para *Mi Ricordo, sì, mi Ricordo*. No filme de Manoel de Oliveira vemos o ator viajando de carro ou de barco em um rio através de Portugal e isso constitui quase uma metáfora de sua vida.

Ali e em outras locações, Mastroianni, que outrora quis ser arquiteto, revela uma perspectiva irremediavelmente cômica ao relembrar sua carreira, recordar os grandes diretores com os quais trabalhou, rejeitar a ideia de ser um pequeno amante latino (uma "ideia louca, estúpida"), ao referir-se a suas leituras de Proust, Chekhov, Stendhal e Kafka, ao contar histórias engraçadas a respeito de sua família, ao ridicularizar a televisão, distanciar-se da representação de acordo com métodos rígidos ("Por que todo esse sofrimento e tormento?") ao discutir a respeito de cidades e viagens e

falar sobre alguns de seus sonhos não realizados — fazer o papel de um velho Tarzan.

Mi Ricordo, sì, mi Ricordo está cheio de clips de filmes do ator, inclusive alguns tremendamente engraçados ("Somente os santos e os heróis não cometem erros"), de suas atuações no palco e de vídeos realizados. Embora o documentário se refira apenas de passagem a algumas de suas ligações românticas e à sua filha com Catherine Deneuve, é um apanhado bastante completo da carreira de Mastroianni e de sua atitude em relação à vida.

Difere de muitos documentários num aspecto importante. Ao contrário de filmes em que a câmera parece intrrometer-se em tudo, em que os personagens parecem todos muito conscientes da presença do cineasta, esse é um documentário em que o objeto e o tema dominam a câmera. À vontade, dirigindo-se à lente da câmera de uma maneira despreocupada, Mastroianni é o modelo ideal para um retrato filmado, um homem que nunca perdeu o melhor de suas qualidades infantis ou de seu amor pela aventura e não teve medo de envelhecer nem foi tão vaidoso a ponto de não querer fazer papéis de velho. Mas ele não se sentia velho, porque, como afirmou, nunca parou de trabalhar. "Gosto das pessoas. Adoro a vida", diz ele.

Mi Ricordo, sì, mi Ricordo satisfaz o apetite de ver uma vez mais os grandes filmes desse ator notável. Esse rico e delicioso documentário faz entender melhor como a arte do cinema ficou empobrecida quando perdeu Mastroianni. (Tradução de José Santos)

SEU SONHO
ERA FAZER UM
VELHO TARZAN
NAS TELAS